

## **O Capitalismo do Século XXI, por Robert Heilbroner**

**Robert Heilbroner é um conhecido e respeitado economista, pouco divulgado entre nós, embora os seus livros tenham sido traduzidos e editados no Brasil. Este livro (Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1994) é excelente para compreendermos qual a essência, ou quais os aspectos fundamentais do sistema capitalista, e como esses aspectos irão comportar-se neste século. Não é um livro de previsões ou de antecipações; não há aqui futurologia. Há sim uma utilíssima reflexão sobre o que é o sistema capitalista, e o que poderemos esperar dele.**

Para Heilbroner o capitalismo é sem dúvida o sistema económico que mais tem sido eficiente na alocação de recursos económicos e na generalização de padrões de vida mais prósperos. São os países que menos dificuldades colocam na acumulação de capital que proporcionam melhores salários aos seus trabalhadores.

A acumulação de capital só é possível, além do mais, porque é imperioso encontrar novos produtos, novos mercados que possibilitem a realização de lucros. A novidade, a inovação faz parte do sistema, uma das suas características principais. O autor não se questiona se o desenvolvimento é exógeno ou endógeno; para ele uma das essências do capitalismo é a banalidade da mudança.

Uma outra palavra no léxico do autor que identifica o sistema capitalista é a sua expansão. Expansão no sentido do crescimento económico e expansão no sentido do aparecimento de novos produtos e serviços. E contrariamente ao que em tempos se pensou (os limites do crescimento), a expansão é por sua natureza ilimitada. Vivemos num mundo de acumulação ilimitada de riquezas.

É a partir destes pressupostos, acumulação, mudança, expansão, que a reflexão começa a dirigir-se para o porvir do sistema.

A acumulação infinita é talvez o aspecto mais problemático do capitalismo. Porque parte de uma das características menos nobres da natureza humana: a ganância. E é a ganância sempre insatisfeita que mobiliza as energias necessárias para a procura da inovação e da acumulação. Por isso, o autor não se surpreende que haja tantos autores a prever o seu fim; não só Marx, mas também Adam Smith e Scumpeter.

Se a mudança é uma das essências do sistema, então, com toda a lógica, é impossível prever exactamente onde essa mudança sistémica se vai manifestar mais visivelmente. Conclusão um pouco decepcionante, mas não menos verdadeira: por esta razão ninguém foi capaz de prever o advento da internet, ou mais recentemente da crise financeira de que estamos a sair pensosamente. O autor fala de facto nas enormes possibilidades da informatização da sociedade e da maior importância que o turismo deverá ter no futuro. Contudo considera-as conjecturas, às quais não atribui grande relevo. A única coisa que se pode antecipar é que não se pode antecipar o sentido da mudança.

A globalização sob este ponto de vista é uma outra forma de expansão do sistema. Mas enquanto os países regulam a actividade económica no interior das suas fronteiras, não há, e de facto não se vislumbra, a ocorrência de um Governo Mundial que permita regular a economia global que está em construção. O autor não antecipa o que pode acontecer; evidencia apenas a utilidade em

que haja algum sistema institucional que crie um mínimo de disciplina. O que se passa actualmente com o G 20 pode muito bem ser o princípio disto.

E a regulação é necessária porque o capitalismo não resolve uma série de problemas que se encontram fora do seu alcance. Aquilo que se designa entre os economistas de externalidades. É claro que há umas externalidades bem conhecidas como o ambiente. As externalidades funcionam como o limite do sistema. Não se pode esperar que sejam os mercados a resolver as questões ambientais. E como diz o autor, o conceito de externalidade é muito vasto: até a construção de uma casa provoca externalidades. Há portanto uma ampla margem para a acção reguladora dos Estados.

Simplesmente os Estados reflectem escolhas de povos e nações com tradições culturais distintas, e portanto com preferências muito díspares. Não pode haver um modelo simples, previamente definido para todos, quer da evolução do sistema, quer da interacção Mercado versus Estado. Mais uma vez antecipar o que vai acontecer é impossível. A única coisa que se pode antecipar é que haverá diferentes respostas, diversos equilíbrios, múltiplas opções. Diversos capitalismos em suma.

Este não é um livro de grande divulgação. Nunca estará na lista dos mais vendidos. Mas é um livro de um autor que vai ao fundo das questões, toca no essencial, e não se deslumbra com a última moda. Um livro pequeno, mas um grande livro..

**António Calado Lopes**